

TAYLOR ADAMS

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

SEM SAÍDA

O que estaria disposto a fazer
para salvar uma criança?

TOP
SEL
LER



Para Riley

Enviado: 23 de dezembro, 18h52
Para: kenny_gordo1964@outlook.com
De: magico13@gmail.com

Vamos avançar hoje à noite. Depois, só precisamos de um sítio para abancar umas semanas. E preciso de saber — de certeza absoluta — se sempre estamos combinados. Manda-me os números. E depois apaga este e-mail, e eu apago os teus.

Estou enfiado numa área de repouso em Nenhures, no Colorado. A tempestade de neve está cada vez pior, e estou prestes a fazer algo que não pode ser desfeito.

Ah, é verdade. Feliz Natal.

CREPÚSCULO

19h39

23 de dezembro

— Vai-te mas é catar, Bing Crosby!

Darby Thorne estava dez quilómetros acima do desfiladeiro de Backbone quando uma das escovas do limpa-para-brisas se partiu, precisamente na altura em que a voz de baixo-barítono começava a cantar o segundo refrão. Pronto, era oficial: ele ia ter o seu Natal branco, cheio de neve. Mais valia calar-se com o assunto.

Carregou no botão de sintonizar o rádio (nada a não ser estática) e ficou a ver a escova esquerda a oscilar, como um pulso partido. Ainda pensou encostar para a prender com fita-cola, mas não havia berma — só um talude de neve suja a erguer-se de ambos os lados do carro. De qualquer forma, teria medo de parar, mesmo que pudesse. Os flocos de neve eram grandes e esponjosos quando passara por Gypsum, uma hora e meia antes, mas haviam-se tornado mais miudinhos e agrestes à medida que a altitude foi aumentando. Eram verdadeiramente hipnóticos, agora, de encontro aos faróis, como um turbilhão de estrelas-cadentes a açoitarem o vidro da frente.

«Obrigatória a utilização de correntes», dizia o último sinal por que passara.

Darby não tinha correntes para a neve. Ainda não, pelo menos. Aquele era o seu segundo ano na Universidade do Colorado em Boulder, e o mais longe que ela se pensara aventurar fora do *campus* era a Tasca do Ralphie. Ainda se lembrava de estar a regressar de lá a pé, um mês antes, meio bêbeda, com um grupo

de amigos (ou simples conhecidos) da residência, e um deles lhe ter perguntado (não que lhe interessasse a resposta) onde é que ela estava a planear passar o Natal. Darby respondera de chofre: que seria preciso um milagre do próprio Deus para a obrigar a voltar ao Utah.

E, pelos vistos, Ele estava a ouvir, porque havia agraciado a mãe de Darby com um cancro do pâncreas em estágio terminal.

Ela soubera-o apenas no dia anterior.

Por mensagem de texto.

Crcht-crcht. A escova partida voltou a arranhar o vidro, mas a neve estava suficientemente seca, e o carro a andar suficientemente rápido, para o vidro da frente se manter desobstruído. O verdadeiro problema era a neve que se amontoava na estrada. As linhas longitudinais amarelas já estavam escondidas por baixo de vários centímetros de branco, e Darby sentia o chassi do *Honda Civic* a raspar na neve a intervalos regulares. Como uma tosse seca, cada vez pior. Na última, sentira o volante estremecer entre os dedos enregelados. Mais um centímetro e ficaria ali encahada, a 2700 metros de altitude e com um quarto de depósito de gasolina, sem rede de telemóvel e com os seus pensamentos como única companhia.

Além da voz melosa de Bing Crosby, pensou. Darby bebeu um gole de *Red Bull* morno, ouvindo-o trautear o último refrão.

Crcht-crcht.

Toda a viagem fora assim — uma correria desenfreada, com os olhos raiados de vermelho, ao longo de centenas de quilómetros de montanhas e planaltos semidesérticos. Não podia parar um segundo.

Só ingerira ibuprofeno o dia inteiro. Deixara o candeeiro do quarto da residência aceso, mas só se lembrara disso ao sair do parque de estacionamento de Dryden — demasiado longe para voltar atrás. Sentia a bília na garganta. O *iPod* (que tinha morrido, entretanto) passara músicas pirateadas de Schoolyard Heroes e My Chemical Romance. Grandes painéis verdes com as direções da autoestrada surgiam, intercalados por cartazes esmaecidos de restaurantes de *fast food* a acelerarem em contra-mão. Boulder desaparecera no espelho retrovisor por volta do

meio-dia, e depois a silhueta de Denver, por entre o nevoeiro, com a sua frota de aviões à espera de autorização para levantar voo, e, finalmente, a minúscula Gypsum, por trás de uma cortina de flocos de neve.

Crcht-crcht.

O *White Christmas* de Bing Crosby foi-se desvanecendo até começar a música de Natal seguinte. A compilação já havia tocado duas vezes, do princípio ao fim.

O *Honda* resvalou subitamente para a esquerda, entornando-lhe *Red Bull* nas pernas. O volante ficou preso um segundo, enquanto ela o tentava virar, com o coração na garganta (*vira na direção da derrapagem, vira na direção da derrapagem*), até que recuperou o controlo do veículo, ainda a mover-se em frente e a subir a encosta — mas a perder velocidade. A perder aderência.

— Não, não, nem penses! — Carregou a fundo no acelerador.

Os pneus perderam aderência e deslizaram na neve enlameada, puxando o carro aos safanões. Saía vapor de debaixo do capô.

— Vá lá, *Blue*...

Crcht-crcht.

Ela dera ao carro o nome *Blue* assim que o comprara, ainda no liceu. Agora carregava ao de leve no acelerador, para cima e para baixo, a tentar encontrar a aderência do asfalto. Pelo espelho retrovisor, via-se a neve a ser cusvida pelos pneus, tingida de vermelho pelos farolins traseiros. Um ruído áspero: a parte inferior da carroçaria a raspar uma vez mais na neve compacta. O carro deu um solavanco e derrapou, agora meio transformado num barco, e...

Crcht-cr...

A escova esquerda partiu-se e foi levada, a rodopiar.

O coração caiu-lhe aos pés.

— Oh, gaita!

Agora a neve acumulava-se na metade esquerda do para-brisas, obstruindo rapidamente aquela parte do vidro. Perdera demasiada velocidade para o vento o limpar. Em poucos segundos, a vista da Estrada Estadual n.º 7 tornara-se ainda mais afunilada. Esmurrou o volante. A buzina apitou no meio do nada, sem ninguém para a ouvir.

É assim que as pessoas morrem, percebeu ela com um calafrio. Durante um nevão, ficam encurraladas em zonas rurais como esta e acaba-se-lhes a gasolina.

Acabam por morrer congeladas.

Levou a lata de *Red Bull* à boca — vazia.

Desligou o rádio, inclinou-se sobre o banco do passageiro para ver a estrada e tentou lembrar-se. Qual fora o último carro que vira? Há quantas dezenas de quilómetros? Era um limpa-neves cor de laranja com as letras DTC — Departamento de Transportes do Colorado — pintadas na porta, que seguia em marcha lenta, encostado à berma, a projetar uma nuvem de gelo. Há pelo menos uma hora. Quando o Sol ainda ia alto.

Agora não passava de uma pequena luz nublada, escondida entre os picos, e o céu adquirira um tom arroxeadado, ao longe. Os abetos congelados formavam silhuetas indistintas. Os vales, lá em baixo, iam ficando submersos em lagos de trevas. A temperatura indicada no painel da estação da Shell por que passara 50 quilómetros antes era de 15 graus negativos. Provavelmente menos, ali.

Foi então que o viu: um sinal verde meio soterrado pela neve, na berma do lado direito. A placa aproximou-se, refletindo a luz dos faróis do *Honda*, antes de ficar para trás: «365 dias desde o último acidente fatal nesta estrada.»

A contagem devia estar desatualizada, pelo menos naqueles últimos dias de tempestade, mas Darby não deixou de achar o número arrepiante. Um ano. O que fazia daquela data, na antevéspera de Natal, uma espécie de aniversário sinistro. Parecia estranhamente pessoal, como o decalque do epitáfio da sua própria lápide.

Logo a seguir, vinha outra placa.

«Área de repouso mais à frente.»

* * *

Quem já esteve numa já as viu todas.

Uma estrutura térrea comprida (centro de informação turística, sanitários, talvez uma loja de conveniência ou um pequeno café) encostada a uma fileira de abetos batidos pelo vento e alguns

pedregulhos. Um mastro sem bandeira. Um velho tronco com centenas de anéis de uma árvore antiquíssima cortada. Um ajuntamento de estátuas de bronze enterradas até à cintura na neve: arte pública financiada pelos contribuintes locais para homenagear um médico ou pioneiro da terra. E um parque de estacionamento ao lado com meia dúzia de carros — outros condutores encurralados, como ela, à espera dos limpa-neves.

Darby passara por dezenas de áreas de repouso desde que saíra de Boulder. Algumas maiores, a maioria melhores, todas muito menos isoladas do que aquela. Esta, porém, tinha, pelos vistos, sido escolhida de propósito pelo destino para si.

«Cansado?», perguntava uma tabuleta azul. «Temos café grátis no interior.»

E uma placa mais recente, com a águia da Segurança Nacional da era Bush estampada: «Viu algo de errado? Avise quem de direito.»

O terceiro e último sinal, no fim da faixa de acesso à área de repouso, tinha a forma de um «T», instruindo veículos pesados e autocaravanas a dirigirem-se para o lado esquerdo, e viaturas ligeiras a optarem pela direita.

Darby quase abalroou o sinal.

O para-brisas estava agora completamente obstruído por uma espessa camada de neve — a escova direita também começara a falhar —, pelo que ela teve de abrir a janela e limpar um círculo com a mão no canto do vidro. Era como conduzir através de um periscópio. Nem se deu ao trabalho de procurar um lugar — as riscas e os passeios só seriam visíveis em março —, limitando-se a encostar o *Blue* ao lado de uma carrinha cinzenta sem janelas.

Desligou o motor. Apagou os faróis.

Silêncio.

As mãos ainda lhe tremiam. A adrenalina que restava daquela primeira derrapagem. Apertou-as com força, primeiro a direita, depois a esquerda (*inspira, conta até cinco, expira*), e ficou a ver o para-brisas continuar a cobrir-se de neve. O círculo que havia feito desapareceu em dez segundos. Dali a outros 30, estaria presa, às escuras, num muro de neve, a enfrentar o facto de que já não conseguiria chegar a Provo, no Utah, no dia seguinte ao meio-dia.

Essa estimativa de chegada otimista sempre estivera dependente de conseguir deixar a tempestade de neve para trás no desfiladeiro de Backbone antes da meia-noite e chegar a Vernal às 3 da manhã, para uma pequena sesta retemperadora. Eram praticamente 20 horas. Mesmo que não voltasse a parar para dormir ou ir à casa de banho, já não conseguiria voltar a falar com a mãe antes da primeira cirurgia. Aquela janela de oportunidade estava agora «encerrada indefinidamente», como várias das estradas de montanha, segundo a sua aplicação de notícias.

Depois da cirurgia, então.

Seja o que Deus quiser.

Agora o interior do *Honda* estava escuro como breu. A neve colava-se aos vidros das janelas como nas paredes de um iglu. Ela observou o telemóvel, semicerrando os olhos para a luz repentina: estava sem rede e com apenas 9 por cento de bateria. A última mensagem que recebera continuava aberta. Tinha-a lido na estrada, nas imediações de Gypsum, enquanto atravessava o asfalto escorregadio de gelo, puxando o carro até aos 135 quilómetros/hora, com o pequeno ecrã a tremer-lhe na palma da mão: «Ela está bem, por enquanto.»

Por enquanto. Ora ali estava um complemento assustador. E não era sequer a pior parte.

Devon, a irmã mais velha de Darby, pensava em *emojicons*. As suas mensagens e os *posts* no *Twitter* pareciam alérgicos à pontuação; espasmos de verborreia sem espaço para respirar, à procura de um fio de pensamento coerente. Mas esta não. Devon optara por escrever «está» por extenso, introduzir uma vírgula e acabar a frase com um ponto final, pormenores esses que se instalaram no estômago de Darby como uma úlcera. Não era nada de concreto, mas uma simples pista de que, fosse o que fosse que se estava a passar no Hospital de Utah Valley, não podia ser expresso com um teclado e só teria tendência a piorar.

Apenas cinco palavras.

«Ela está bem, por enquanto.»

E ali estava Darby, a desilusão da segunda filha, encurralada numa zona inóspita nos sopés do desfiladeiro de Backbone, só porque arriscara uma corrida contra o Armagedão de Neve nas

Montanhas Rochosas e falhara redondamente. Quilómetros acima do nível do mar, soterrada pela neve num *Honda Civic* de 1994, com as escovas do para-brisas partidas, o telemóvel sem rede e quase sem bateria, e uma mensagem críptica a fervilhar-lhe no cérebro.

A mãe está bem, por enquanto. Fosse o que fosse que aquilo queria dizer.

Sempre foi fascinada pela morte, desde criança. Não tinha perdido os avós, pelo que a morte não passava, na altura, de um conceito abstrato, uma paisagem que ela podia visitar e explorar como turista. Adorava fazer decalques de pedras tumulares — punha papel vegetal sobre uma lápide e, com um lápis de carvão ou de cera, copiava as letras e figuras. Achava-os maravilhosos. Tinha uma coleção pessoal de centenas de decalques, alguns emoldurados. Alguns de desconhecidos, outros de famosos. Havia saltado uma vedação em Denver, no ano anterior, para decalcar a de Buffalo Bill. Durante muito tempo, acreditara que aquela sua mania, aquele fascínio adolescente pela morte, a deixaria mais preparada para a enfrentar quando finalmente tivesse de lidar com ela na vida real.

Mas não era assim.

Deixou-se ficar sentada no carro, às escuras, a ler e a reler as palavras de Devon. De repente, ocorreu-lhe que, se permanecesse muito mais tempo naquela cela de gelo, sozinha com os seus pensamentos, iria simplesmente desatar a chorar, e só Deus sabia como já vertera bastantes lágrimas nas últimas 24 horas. Não podia desistir assim. Não se podia deixar afundar no pântano do desespero. Tal como o *Blue* a atolar-se naquela neve espessa, a dezenas de quilómetros de qualquer ajuda — o desespero era capaz de nos enterrar vivos se o deixássemos.

Inspira. Conta até cinco. Expira.

Tinha de erguer a cabeça.

Assim, enfiou o *iPhone* no bolso, desapertou o cinto, vestiu um corta-vento por cima do casaco da Boulder Art Walk e esperou que, além da promessa de café grátis, aquela espelunca duvidosa pudesse ter wi-fi.

* * *

Perguntou à primeira pessoa que encontrou lá dentro e obteve como resposta um dedo a apontar para o cartaz plastificado com as pontas descoladas afixado na parede: «Os nossos clientes podem contar com wi-fi graças à parceria entre a RoadConnect e o Departamento de Transportes do Colorado.»

Ele pôs-se atrás dela, a olhar.

— É... é preciso pagar.

— Eu pago.

— É um bocadinho caro.

— Não me importo de pagar.

— Já viu? — apontou ele. — São 3,95 dólares por cada dez minutos.

— Só preciso de fazer uma chamada.

— É uma coisa rápida, ou ainda demora?

— Não sei.

— Porque, se precisar de usar a Internet mais de 20 minutos, talvez seja melhor comprar um daqueles passes mensais da RoadConnect, que custa apenas dez dólares por...

— Ai, porra, meu! Não quero saber.

Darby não fazia tenções de ser brusca. Ainda nem sequer olhara como deve ser para aquele desconhecido, sob as estéreis luzes fluorescentes do centro de informação turística: 50 e muitos anos, casaco amarelo da *Carhartt*, um brinco e uma barbicha grisalha. Como um pirata de olhos tristes. Ocorreu-lhe que, provavelmente, também havia ficado ali encurralado, e que só queria ajudá-la.

De todo o modo, o *iPhone* não conseguiu aceder à rede sem fios. Ela deslizou o dedo para cima algumas vezes, à espera de a detetar.

Nada.

O sujeito voltou para o seu lugar.

— Parece que é o karma, hã?

Ela ignorou-o.

Aquele sítio devia funcionar como café durante o dia, mas, naquele momento, lembrava-lhe uma central de camionagem fora de horas — vazia e excessivamente iluminada —, com os passageiros à espera do primeiro autocarro da madrugada. O café propriamente dito (Espresso Peak) ficava por trás de uma grade

metálica de segurança. Viam-se lá atrás duas máquinas de café industriais com manípulos antigos e as pingadeiras manchadas pelos anos. Bolos rançosos num expositor. Um quadro de ardósia com os preços puxadotes de uma série de bebidas finórias.

O centro de informação turística consistia num único salão — um grande retângulo que percorria a estrutura do telhado, com os sanitários ao fundo. Cadeiras de madeira, uma mesa comprida e bancos corridos, encostados à parede. Ali perto, encontrava-se uma máquina de venda automática e algumas prateleiras com brochuras turísticas. O espaço parecia, simultaneamente, exíguo e imenso, com um forte odor a detergente.

Quanto à promessa de café grátis? No balcão de pedra e cimento do Espresso Peak, havia uma pilha de copos de esferovite, guardanapos de papel e duas grandes cafeteiras numa placa de aquecimento, protegidas pela grade. Numa podia ler-se «café» e na outra «caca».

Alguém chumbou nas aulas de ortografia do segundo ano.

Reparou que o cimento estava rachado à altura dos tornozelos e que uma das pedras que embelezava o balcão rústico estava solta. Podia cair com um simples pontapé. Aquilo arreliou uma pequenina parte obsessivo-compulsiva do cérebro de Darby. Como a necessidade de roer uma unha falhada.

Ouvia-se também um pequeno zumbido, como o bater das asas de um gafanhoto, e pensou para consigo se o sítio não estaria ligado ao gerador de emergência. Talvez isso tivesse desconfigurado o wi-fi. Virou-se novamente para o desconhecido de barbicha.

— Viu alguma cabine telefónica por aqui?

O homem olhou de esguelha para ela — *o quê, agora já queres conversa?* — e abanou a cabeça.

— Consegue apanhar rede de telemóvel?

— Desde White Bend que não.

O coração caiu-lhe aos pés. Segundo o mapa da região na parede, aquela área de repouso chamava-se Wanapa (que poderia ser traduzido como «Pequeno Demónio», em honra da tribo Paiute que em tempos ali existira). Cerca de 30 quilómetros a norte, ficava a área de repouso de Wanapani — ou «Grande Demónio»

—, e só depois, 15 quilómetros adiante, descendo as montanhas, a cidade de White Bend. E hoje, na véspera do Armagedão de Neve, ou do Apocalipse de Neve, ou do Godzilla de Neve, ou fosse o que fosse que os canais de meteorologia lhe estavam a chamar desta vez, White Bend tanto podia ser ali, a 50 quilómetros, como na Lua, que ia dar ao mesmo.

— Eu consegui apanhar rede lá fora — disse a voz de um segundo homem.

Por trás dela.

Darby virou-se. O homem estava encostado à porta da frente com uma mão na maçaneta. Ela devia ter passado por ele quando entrara. (*Mas como é que não o vi?*) Era um indivíduo alto, de ombros largos, um ano ou dois mais velho do que ela. Parecia um dos tipos da Alfa Sigma com quem a colega de quarto dela ia para a farrá de vez em quando, de cabelo bem penteado, um casaco verde da *North Face* e um sorriso tímido.

— Era só um pauzinho, e foi só durante uns minutos — acrescentou ele. — A minha operadora é a T-Mobile.

— A minha também. Onde?

— Ali, ao pé das estátuas.

Ela assentiu, na esperança de ainda ter um restinho de bateria que lhe permitisse fazer uma chamada.

— Alguém... algum de vocês sabe quando é que chegam os limpa-neves?

Os dois indivíduos abanaram a cabeça. Darby não gostava de estar entre os dois; tinha de estar sempre a virar-se para um lado e para o outro.

— Acho que as emissões de emergência estão em baixo — disse o sujeito mais velho, apontando para um rádio AM/FM dos anos noventa que zumbia sobre o balcão: a fonte do ruído de estática que ela tomara por um gerador (ou um inseto). Estava por trás da grade de segurança. — Quando aqui cheguei, estavam a dar notícias sobre o trânsito e a tempestade num *loop* de 30 segundos — acrescentou. — Mas agora é só ruído. Se calhar as antenas ficaram cobertas de neve.

Ela esticou o braço por entre a grade e endireitou a antena, fazendo a estática mudar de tom.

— Continua a ser melhor do que Bing Crosby.

— Quem é o Bing Crosby? — perguntou o sujeito mais novo.

— Um dos Beatles — respondeu o mais velho.

— Ah.

De certa forma, Darby começava a gostar do tipo mais velho, e arrependeu-se de se ter irritado com ele por causa do wi-fi.

— Não sei muito sobre música — admitiu o indivíduo mais novo.

— Já deu para perceber.

Ela reparou num baralho de cartas sobre a mesa. Uma partida de póquer, pelos vistos, para entreter dois desconhecidos ali presos pela tempestade de neve.

Ouviu-se o autoclismo nos sanitários.

Três desconhecidos, corrigiu-se Darby.

Tornou a enfiar o telemóvel no bolso das calças, apercebendo-se de que os dois homens continuavam a fitá-la. Um à frente e o outro atrás.

— Eu sou o Ed — disse o mais velho.

— Ashley — apresentou-se o mais novo.

Darby não lhes revelou o nome. Empurrou a porta da frente com o cotovelo, regressando às temperaturas negativas lá de fora, e escondeu as mãos nos bolsos do corta-vento. Ouviu ainda o homem mais velho perguntar ao mais novo, enquanto a porta oscilava atrás dela:

— Espera lá. Tu chamas-te Ashley? Isso não é nome de *miúda*?

O outro resmungou.

— Não é só de *miúda*...

A porta fechou-se.

O mundo lá fora tingira-se de sombras negras. O Sol desaparecera por completo. Os flocos de neve geravam um halo alaranjado na única lâmpada exterior do centro de informação turística, pendurada sobre a porta num grande candeeiro redondo. Porém, o Armagedão parecia ter acalmado uns instantes; contra o crepúsculo da noite que caía, Darby conseguia ver os contornos dos picos, ao longe. Rochedos escarpados, semicobertos de árvores.

Apertou o corta-vento junto ao pescoço e estremeceu.

O grupo de estátuas que o tipo mais novo — Ashley — referira ficava a sul da área de repouso, para lá do mastro e da zona de piqueniques; junto à saída para a estrada por onde ela tinha vindo. Quase não as conseguia distinguir dali. Não passavam de vultos semienterrados na neve.

— Ei.

Ela virou-se.

Era outra vez Ashley. Ele encostou a porta e foi ter com ela, levantando bem os pés ao caminhar na neve.

— Hum... tive de me pôr num ponto específico para apanhar rede. Foi o único sítio onde consegui qualquer coisa, e, mesmo assim, era só uma barra. Se calhar só dá para enviar uma mensagem de texto.

— Isso já me chegava.

Ele puxou o fecho do casaco para cima.

— Eu mostro-te.

Seguiram as pegadas anteriores dele. Darby reparou que já estavam preenchidas por alguns centímetros de neve fresca. Interrogou-se, sem formular a pergunta em voz alta, há quanto tempo é que ele estaria ali preso.

Ao afastar-se um pouco do edifício, percebeu também que a área de repouso ficava junto a um precipício. Por trás da parede do fundo (os sanitários), as copas das árvores assinalavam um penhasco escarpado. Não conseguia distinguir onde começava a ribanceira ao certo, já que o chão estava coberto por um espesso manto de neve enganadora. Um passo em falso poderia ser fatal. A vegetação ali no cimo da serra também era hostil — abetos-de-douglas com formas grotescas esculpidas pelo vento, as ramadas esparsas e espetadas, como braços de espantalhos.

— Obrigada — disse Darby.

Ashley não ouviu. Continuaram a avançar pela neve, que já lhes chegava aos joelhos, com os braços abertos para manter o equilíbrio. Era mais funda ali, fora do caminho. Os ténis *Converse* de Darby estavam ensopados, os dedos dormentes.

— Então, chamas-te Ashley? — perguntou ela.

— Sim.

— Não te tratam por Ash?

— Porque é que haveriam de o fazer?

— Só estava a perguntar.

Ela voltou a olhar por cima do ombro para o centro de informação turística, e descortinou um vulto recortado contra a luz âmbar da única janela do edifício. A observá-los, por detrás do vidro gelado. Não conseguiu perceber se se tratava do homem mais velho, Ed, ou da outra pessoa que ainda não tinha visto.

— Ashley não é apenas um nome de rapariga — repetiu ele, enquanto se arrastavam. — É um nome masculino perfeitamente válido.

— Ah, com certeza.

— Como o Ashley Wilkes, do *E Tudo o Vento Levou*.

— Estava mesmo a pensar nele — disse Darby. Sabia-lhe bem brincar um bocado. Contudo, ainda assim, a parte mais desconfiada do seu cérebro, que ela nunca parecia ser capaz de desligar, pensou: *Conheces esse filme de velhos e nunca ouviste falar nos Beatles?*

— Ou o Ashley Johnson — acrescentou ele. — O mundialmente famoso jogador de rãguebi.

— Estás a inventar esse.

— Não estou nada. — Ele apontou para longe. — Olha, daqui vê-se o pico Melanie.

— O... o quê?

— O pico Melanie. — Ele fez um ar embaraçado. — Desculpa, estou aqui preso há tanto tempo que li todos os cartazes do centro de informação turística. Estás a ver aquela montanha mais alta ali ao fundo? Um tipo qualquer deu-lhe o nome da mulher.

— Que fofô.

— Talvez. Também lhe podia estar a chamar frígida e inacessível.

Darby soltou uma pequena gargalhada.

Tinham chegado às estátuas cobertas de gelo. Uma data delas. Devia haver uma placa a explicar o que significavam algures por baixo da neve. As esculturas aparentavam ser de crianças. A correr, a saltar, a brincar, imobilizadas para sempre no seu movimento aparente, e agora cobertas de gelo.

Ashley apontou para uma figura que empunhava um taco de beisebol.

— Ali. Junto ao miúdo dos infantis.

— Aquele?

— Sim. Foi onde eu apanhei rede.

— Obrigada.

— Precisas... — Ele hesitou, de mãos nos bolsos. — Precisas que eu fique por aqui?

Silêncio.

— Quer dizer, se preferires...

— Não. — Darby sorriu. Um sorriso genuíno. — Eu fico bem. Obrigada.

— Estava com esperança de que disseses isso. Está um frio do caraças cá fora! — Ele fez aquele seu esgar desengonçado e iniciou o caminho de regresso, acenando por cima do ombro. — Diverte-te com as Crianças Diabólicas.

— Vou tentar.

Ela não havia reparado quão perturbadoras as estátuas eram até ficar a sós com elas. Faltavam bocados às criancinhas. Eram num estilo que ela já conhecia — o escultor usara pedaços soltos de bronze e soldara-os em ângulos impossíveis e contraintuitivos que deixavam lacunas e espaços vazios —, mas, ali, na penumbra, a imaginação dela conferiu-lhes um aspeto ainda mais sombrio. O rapaz à esquerda, com um taco de beisebol e a quem Ashley chamara «o miúdo dos infantis», tinha a caixa torácica à mostra. Outros acenavam com os braços magricelas e lacerados, onde faltavam pedaços de carne. Como um grupo de vítimas de uma matilha de *pitbulls*, dilaceradas até aos ossos.

Como é que Ashley lhes tinha chamado mesmo? «Crianças Diabólicas.»

Ele estava a seis metros de distância, quase uma silhueta recortada contra a luz cor de laranja, quando ela se virou para o chamar.

— Ei, espera!

Ele olhou para trás.

— Darby — disse ela. — Eu sou a Darby.

Ele sorriu.

Obrigada pela ajuda, apetecia-lhe dizer. *Obrigada por teres sido simpático comigo, uma completa desconhecida*. As palavras estavam ali, gravadas no seu cérebro, mas ela não as conseguia materializar. Desviaram os olhos um do outro, com a ocasião a dissipar-se.

Obrigada, Ashley, por...

Ele continuou a andar.

Voltou a estacar de repente, como se tivesse mudado de ideias, e disse uma última coisa:

— Tens noção de que Darby é um nome de homem, não tens?

Ela riu-se.

Ficou a vê-lo ir-se embora e depois encostou-se à estátua com o taco de beisebol, congelada a meio do movimento, erguendo o *iPhone* no ar contra os flocos de neve que caíam. Semicerrou os olhos, observando o canto superior esquerdo do ecrã.

Serviço indisponível.

Esperou, sozinha no escuro. No canto superior direito, a bateria estava reduzida a 6 por cento. Tinha deixado o carregador numa ficha, na residência. A mais de 300 quilómetros de distância.

— Por favor — sussurrou. — Por favor, meu Deus...

Continuava sem rede. Com os dentes a baterem, voltou a ler a mensagem da irmã: «Ela está bem, por enquanto.»

«Bem» deve ser a pior palavra do mundo. Sem contexto, não significa rigorosamente nada. Podia querer dizer que a mãe estava melhor, ou podia querer dizer que estava pior, ou que... enfim, que estava só *bem*.

As pessoas dizem que o cancro no pâncreas é rápido, porque geralmente a morte sobrevém em poucas semanas ou até dias após o diagnóstico, mas não é verdade. Leva anos a matar. Simplesmente é assintomático nos estágios iniciais, espalhando-se insidiosamente no seu hospedeiro, sem as posteriores manifestações de icterícia ou as dores abdominais que vêm mostrar, finalmente, que já não há nada a fazer. Era uma perspetiva aterradora: saber que o cancro já havia tomado o corpo da mãe quando Darby ainda andava no liceu. Que estava lá quando Darby mentira sobre as etiquetas da Sears que a mãe encontrara na mala dela. Que estava lá quando chegou a casa de carro, um belo domingo às 3 da manhã, com uma pulseira verde-fluorescente no pulso e atordoada

devido ao *ecstasy*, e a mãe desatou a chorar no alpendre da frente enquanto lhe chamava «cabra ordinária». Aquela criatura invisível estivera sempre ali, empoleirada no ombro da mãe, à espreita, e estava a matá-la devagarinho, sem que nenhuma delas soubesse.

A última vez que falaram fora no Dia de Ação de Graças, ao telefone. A discussão durou mais de uma hora, mas os últimos segundos tinham ficado gravados na mente de Darby.

«Foi por tua causa que o pai nos deixou», lembrava-se de dizer. «E, se eu pudesse escolher, teria ido com ele, em vez de ficar contigo. É que me ia embora num piscar de olhos! Ouviste, Maya? Num piscar de olhos!»

Limpou as lágrimas com o polegar, quando já se lhe estavam a congelar na pele. Exalou no cortante ar gelado. *Naquele preciso momento*, a mãe estava a ser preparada para uma cirurgia no Hospital de Utah Valley, e ali estava Darby, encurralada numa área de repouso de terceira categoria a meio das Montanhas Rochosas.

Não tinha combustível suficiente para manter o *Blue* durante muito tempo em ponto morto. Pelo menos o centro de informação turística tinha aquecimento e eletricidade. Quer quisesse quer não, provavelmente teria de fazer conversa de circunstância com Ed e Ashley, e com quem quer que tivesse puxado o auto-clismo. Pôs-se a imaginá-los — um grupo de estranhos numa tempestade de neve, como os mineiros e os colonos que provavelmente procuraram refúgio algures naquelas montanhas nos séculos anteriores — a bebericar café aguado, a contar historietas e à escuta do rádio, a tentar perceber quando é que chegariam os limpa-neves. Talvez ela ainda fizesse novos amigos de *Facebook* e aprendesse finalmente a jogar póquer.

Ou podia ir sentar-se no *Honda* até morrer congelada.

As duas hipóteses eram igualmente animadoras.

— Vai ser uma noite longa, miúdos — disse, olhando para a estátua mais próxima. Verificou uma vez mais o telemóvel, embora já sem esperança de que o lugar mágico de Ashley lhe trouxesse rede. Só estava ali a desperdiçar bateria e a enregelar. — Vai ser uma *looonga* noite.

Dirigiu-se novamente para o edifício de Wanapa, sentindo outra enxaqueca a insinuar-se por entre as suas reflexões. O Armagedão

tinha voltado a levantar-se, escondendo as montanhas por trás da nevasca. Soprou uma rajada de vento nas costas de Darby, açoiando os abetos e insuflando-lhe o casaco. Enquanto caminhava, contou inconscientemente os carros estacionados — três, além do *Honda*. Uma carrinha cinzenta, um todo-o-terreno de caixa aberta vermelho e um veículo indistinto, praticamente soterrado pela neve.

Resolveu contornar o parque de estacionamento, dando a volta àquela pequena coleção de carros encurralados. Não tinha qualquer razão para o fazer, na verdade. Voltaria a pensar naquela decisão irrefletida vezes sem conta nessa noite, perguntando-se como se teriam desenrolado os acontecimentos se se tivesse limitado a seguir novamente as pegadas de Ashley.

Passou pela fila de viaturas.

Em primeiro lugar estava a pick-up vermelha. Sacos de areia na caixa aberta, os pneus com correntes de ferro. Tinha menos neve acumulada do que os outros veículos, o que indicava que não estava ali há muito tempo. Meia hora, era o seu palpite.

O segundo carro estava completamente soterrado, não passando de um monte irreconhecível de neve. Nem sequer conseguia perceber de que cor era — até podia ser um simples contentor de lixo. Uma lata grande em forma de caixote. Dos quatro, era o que estava ali há mais tempo.

Em terceiro lugar encontrava-se o *Blue*, o *Honda Civic* dela. O carro em que ela aprendera a conduzir, que a tinha levado à universidade, onde perdera a virgindade (não tudo ao mesmo tempo). Continuava a faltar-lhe a escova esquerda, perdida algures na berma da estrada, um quilómetro e meio antes. Sabia que tivera muita sorte por ter conseguido chegar a um local de abrigo.

Finalmente, vinha a carrinha cinzenta.

Foi ali que Darby resolveu atalhar, entre os carros estacionados, para seguir caminho até à porta do edifício, a cerca de 15 metros. Decidiu passar entre a carrinha e o *Honda*, encostando-se às portas do seu carro, para se equilibrar.

A carrinha tinha de lado o boneco de uma raposa cor de laranja, como uma cópia do Nick Wilde do filme *Zootrópolis*. A raposa empunhava uma pistola de pregos, como se fosse um

agente secreto com um revólver, a promover uma empresa qualquer de construção ou de reparações. O nome da firma estava tapado pela neve, mas o slogan dizia: «Acabamos o que começamos.» A carrinha tinha duas janelas atrás. A da direita estava tapada com uma toalha. A da esquerda estava desimpedida, e refletiu a luz de um candeeiro quando Darby passou por ela, mostrando-lhe o vislumbre de algo pálido no interior da carrinha. Uma mão.

Uma mão pequenina, como a de uma boneca.

Ela deteve-se a meio de um passo, com o ar a prender-se-lhe nos pulmões.

A pequena mão estava a agarrar numa espécie de grade por trás do vidro gelado — os dedinhos brancos a soltarem-se, um a um, daquela forma descoordenada de uma criança que ainda não domina por completo o sistema nervoso —, até que, subitamente, se recolheu nas sombras. Desapareceu simplesmente de vista. A cena durou apenas três ou quatro segundos, deixando Darby num silêncio estupefacto.

Não pode ser!

Não se via mais nenhum movimento lá dentro.

Ela encostou-se à carrinha, pondo as mãos em concha no vidro para ver melhor. As pestanas a baterem contra o gelo. Quase completamente escondido na escuridão, onde a pequena mão desaparecera, conseguiu distinguir um pequeno objeto circular, com o pouco reflexo da luz de vapor de sódio que chegava ali. Era um cadeado com combinação, preso às grades de metal em que a mão da criança estava a agarrar instantes antes. Como se fosse uma jaula de cão.

Então, Darby expirou — um erro —, e o vidro ficou embaçado com a sua respiração. Mas ela tinha visto. Não podia ignorá-lo agora.

Afastou-se, deixando a palma da mão marcada no gelo da porta, e sentiu o coração palpar-lhe no pescoço. Cada vez mais rápido.

Há...

Há uma criança presa dentro desta carrinha.

20h17

Darby voltou lá para dentro.

Ashley ergueu os olhos.

— Tiveste sorte?

Ela não respondeu.

Ele estava agora sentado na grande mesa de madeira, a jogar às cartas com Ed. Sentada ao lado dele, encontrava-se uma mulher — a mulher de Ed, pelos vistos. Era uma quarentona pequena e espalhafatosa, de cabelo preto cortado à tigela e com uma parca amarela amarrotada, entretida a rebentar bolhas no tablet. Era ela que estava na casa de banho antes.

Quando a porta se fechou nas costas de Darby, ela registou os três suspeitos: o Ashley conversador, o Ed dos olhos tristes e a desmazelada da mulher dele. A quem pertenceria a carrinha cinzenta?

Oh, meu Deus! Há uma criança ao frio naquela carrinha.

Trancada numa jaula ou algo do género.

Voltou a sentir um aperto no coração. Um sabor amargo veio-lhe à boca. As pernas ficaram bambas. Precisava de se sentar, mas estava demasiado assustada.

Foi uma destas três pessoas, e...

— Vê lá se a porta fica bem fechada — disse Ed.

O jogo continuou, como se nada fosse. Ashley observou as cartas que tinha na mão e olhou de esguelha para Ed.

— Quatro de copas?

— Pesca. Dois de espadas?

— Népia.

Contudo, Darby percebeu que havia algo de errado. As contas não batiam certo. Estavam três carros lá fora, sem contar com o dela. Havia três suspeitos ali dentro. Mas Ed e a mulher certamente teriam chegado juntos, não? Então, tinha de haver uma quarta pessoa na área de repouso. *Mas onde?*

Ela perscrutou Ashley, Ed e a mulher dele, varrendo o espaço com os olhos uma e outra vez, enquanto o coração, anteriormente acelerado, quase parava com o terror. *Onde raio é que poderia...*

Subitamente, sentiu um bafo quente na nuca. Havia alguém atrás de si.

— Valete de paus.

— Pesca.

Darby ficou muito quieta, com os pelos todos eriçados, um calafrio a percorrer-lhe a espinha. Queria virar-se, mas não era capaz. O corpo recusava-se a mexer-se.

Ele está mesmo atrás de mim.

Estava a respirar junto ao pescoço dela. Um bafo quente que lhe soprava os cabelos e fazia comichão na pele. Que lhe assoviava baixinho ao ouvido. De algum modo, ela sabia que aquele quarto viajante só podia ser um homem — as mulheres simplesmente não respiravam assim. Estava menos de meio metro atrás dela. Suficientemente próximo para lhe tocar nas costas, ou para lhe pôr as mãos no pescoço e esmagar-lhe a traqueia.

Ela desejou conseguir virar-se e encarar aquela quarta pessoa, quem quer que ela fosse, mas parecia impossível mover-se, como se tivesse os músculos muito pesados. Como se quisesse desatar a fugir num pesadelo.

Vira-te, instigou ela. Vira-te de uma vez!

À sua frente, o jogo prosseguia.

— Dama de copas?

— Ah! Bem escolhido!

— Nove de ouros?

— Népia.

Atrás dela, a respiração interrompeu-se uns segundos — tempo suficiente para lhe dar a breve esperança de a ter imaginado (de ter

imaginado tudo aquilo) —, para depois inspirar fundo de uma só vez, pela boca. Ali de pé, num silêncio estático, Darby compreendeu que voltara a fazer o mesmo. Entrara na sala sem espreitar para o canto à sua esquerda.

Porra, Darby, vira-te lá!

Têns de o enfrentar.

Finalmente, fê-lo.

Virou-se devagar, casualmente, com a mão levantada, como se estivesse apenas a obedecer ao pedido de Ed para ver se a porta ficava bem fechada. Voltou-se até dar de caras com o homem.

Homem talvez fosse um exagero. Era alto, mas encurvado, magro como um espeto, 19 anos no máximo. Um perfil de doninha a enquadrar o rosto cheio de acne, e uns dentes disformes a encimarem um queixo inexistente salpicado de uma penugem comprida e rarefeita. Um gorro do *Deadpool* e um casaco de esqui azul-bebé. Os ombros estreitos estavam molhados de neve derretida, como se também tivesse acabado de vir lá de fora. Fitava-a. Darby susteve-lhe o olhar — pequenas pupilas cor de avelã, parecidas com as de um roedor na sua imbecilidade apática — e esboçou um sorriso tímido.

O instante prolongou-se.

O hálito do Cara de Roedor fedia a leite de chocolate misturado com o odor acre e terroso de tabaco de mascar. Levantou o braço direito inesperadamente — Darby pestanejou —, mas estendeu-o apenas à frente dela para fechar a porta. A fechadura deu um estalido.

— Obrigado — disse Ed, e virou-se novamente para Ashley. — Ás de copas?

— Népia.

Darby desviou o olhar e deixou o homem junto à porta. O coração martelava-lhe as costelas. Os seus próprios passos soavam-lhe amplificadas. Cerrou os punhos com força, para esconder o tremor das mãos, e foi sentar-se à mesa com os outros. Puxou uma cadeira do meio de Ashley e do casal mais velho, e as pernas de madeira chiaram no chão de ladrilhos.

Ashley rangeu os dentes com o som estridente.

— Hã... Nove de copas.

— Merda!

A mulher de Ed deu-lhe um safanão no cotovelo.

— Cuidado com a língua!

Darby sabia que o Cara de Roedor continuava a observá-la, a estudá-la, com aqueles olhos miudinhos e mortiços. Apercebeu-se de que estava sentada de forma rígida — demasiado rígida —, pelo que deixou descair propositadamente as costas e os músculos e fingiu mexer no *iPhone*. Espetou os joelhos de encontro à mesa. Estava a fazer teatro, agora, a representar o papel de estudante de Artes hipercafeinada com um *Honda* cheio de decalques de pedras tumulares e com um telemóvel sem bateria, ali presa nos confins da civilização, como todos os restantes. Nada mais do que uma estudante inofensiva do segundo ano da Universidade do Colorado em Boulder.

Ele manteve-se junto à porta. Sempre a observá-la.

Darby começava a ficar preocupada. Seria possível que ele soubesse? Se calhar tinha estado a observar pela janela que dava para a fachada poente e vira-a espreitar para dentro da carrinha. Provavelmente vira as pegadas dela. Ou talvez a sua conduta a tivesse denunciado, assim que voltara ali para dentro a tremer, com os nervos em franja e o coração na garganta. Costumava ser boa a mentir, mas hoje não. Agora não.

Tentou encontrar uma explicação razoável para o que tinha visto — por exemplo, o filho-ainda-não-mencionado de uma daquelas quatro pessoas estava a dormir a sesta nas traseiras da carrinha. Isso era plausível, certo? Devia acontecer a toda a hora. É para isso que servem as áreas de repouso. Para repousar.

Porém, não explicava o cadeado circular que ela vira. Ou, agora que pensava nisso, as toalhas que pendiam nas janelas de trás — para esconder o que se estava a passar lá dentro. Certo?

Estarei a exagerar?

Talvez. Talvez não. Os pensamentos dela dispersavam-se; o pico de cafeína ameaçava abandoná-la. Precisava tanto de um café decente.

Por falar em *exagerar*, ela já tentara ligar para o número de emergência lá fora. Não tinha rede. Tentara várias vezes, junto às Crianças Diabólicas, no sítio mágico que Ashley lhe indicara.

Até tentara enviar uma mensagem de texto para o número de emergência — lembrava-se de ter lido uma vez que os ficheiros de texto só ocupam uma pequena fração da largura de banda necessária, e que são a melhor maneira de pedir ajuda nas zonas com pouca cobertura móvel. Porém, nem sequer isso funcionara: «Criança raptada carrinha cinzenta matrícula VBH9045 estrada 7 área repouso Wanapa mandem polícia.»

A mensagem, com o relatório «O envio falhou», continuava aberta. Ela fechou-a, não fosse o Cara de Roedor conseguir lê-la sorratamente por cima do seu ombro.

Também tentara abrir a porta da carrinha (o que poderia ter sido um erro fatal se a viatura estivesse equipada com alarme), mas estava trancada. Obviamente — porque é que não haveria de estar trancada? Demorara-se lá fora, a espreitar na penumbra, com as mãos em concha, a bater no vidro com os nós dos dedos, para tentar convencer o pequeno vulto a mexer-se novamente. Sem sorte nenhuma. O interior da carrinha estava escuro como breu, e as portas de trás estavam obstruídas com cobertores e tralhas diversas. Ela só vira aquela pequena mão de relance, uns segundos. Mas fora o suficiente. Não tinha imaginado aquilo.

Pois não?

Não.

— Às de espadas.

— Raios partam!

— Cuidado com a língua, Eddie...

— *Por amor de Deus*, Sandi. Estamos presos por causa da neve dentro de uma porra de um abrigo merdoso e é praticamente Natal. Eu ponho uma nota de 20 dentro do frasco dos palavrões quando chegarmos a casa, está bem?

A senhora do corte à tigela — Sandi, pelos vistos — olhou para Darby, no outro lado da mesa, e disse em silêncio com os lábios: «Desculpe lá isto.» Faltava-lhe um dente da frente. No colo dela, a carteira cravejada de cristais tinha bordado o Salmo 100, versículo 5: «O Senhor é bom! O seu amor é eterno.»

Darby retribuiu educadamente o sorriso. A sua sensibilidade delicada era capaz de aguentar alguns palavrões. De resto, Ashley

continuava a pensar que Bing Crosby era um dos Beatles, o que fazia de Ed um tipo decente, aos olhos dela.

Se bem que... também tinha a noção de que se podia estar a deixar enganar por um ângulo morto, tal como quando entrara no edifício sem verificar os cantos. O instinto dizia-lhe que o condutor da carrinha cinzenta era o Cara de Roedor, mas tal não passava de uma suposição. Ela sabia que o sequestrador/molestador de crianças podia ser qualquer pessoa ali dentro. Qualquer um dos quatro desconhecidos presos naquele abrigo à beira da estrada podia ser — ou melhor, *era* — suspeito.

Ashley? Ele estava a limpar a mesa no jogo do Peixinho nesse instante. Era engraçado e amigoso, aquela espécie de sedutor nato com quem sairia de bom grado uma vez (se bem que não uma segunda), mas havia algo nele em que Darby não confiava. Não conseguia dizer ao certo o quê. Seriam os maneirismos? A escolha de palavras? Ele parecia-lhe simplesmente *falso*, com as interações sociais cuidadosamente geridas, da mesma forma que um empregado de loja faz uma cara sorridente aos clientes para depois falar mal deles na sala dos fundos.

Quanto a Ed e a Sandi? Eram afáveis, mas algo neles também não batia certo. Nem sequer tinham ar de casados. Pelo menos não pareciam gostar particularmente um do outro (não que isso significasse alguma coisa).

E o Cara de Roedor? Esse sem dúvida que era suspeito.

Toda a gente ali era culpada até prova em contrário. Darby teria de fazer corresponder cada um daqueles indivíduos à respetiva viatura lá fora, e só então poderia ter a certeza. E nem sequer podia perguntar diretamente, senão o verdadeiro raptor/abusador perceberia que ela estava desconfiada. Teria de recolher aquela informação discretamente. Pensou perguntar a Ashley, a Ed e a Sandi a que horas tinham chegado, e deduzir o resto a partir da quantidade de neve acumulada nos carros lá fora. É claro que isso também podia chamar a atenção.

Mas e se ela esperasse demasiado tempo?

O sequestrador havia de querer sair dali depressa. Assim que o nevão amainasse, ou que os limpa-neves do Departamento de Transportes do Colorado chegassem, ele (ou *ela*, ou *eles*) pôr-se-ia

a milhas do Colorado, deixando Darby apenas com uma descrição do suspeito e uma matrícula.

O telefone apitou-lhe no bolso, sobressaltando-a. Já só tinha 5 por cento de bateria.

Ashley ergueu os olhos para ela, de detrás da mão cheia de cartas sujas.

— Rede?

— O quê?

— Alguma sorte com a rede? Junto às estátuas?

Ela abanou a cabeça, apercebendo-se ali de uma oportunidade. Sabia que a bateria não ia durar toda a noite, e, portanto, aquela era uma boa ocasião para perguntar, sem abandonar o seu papel:

— Alguém tem, por acaso, um carregador de *iPhone*?

Ashley abanou a cabeça.

— Lamento.

— Eu não — respondeu Sandi, puxando o cotovelo de Ed e mudando o tom de voz de doce para venenoso: — Então e tu, Eddie? Ainda tens o carregador do telemóvel, ou também o puseste no prego?

— Não se põem coisas no prego no século XXI — retorquiu Ed. — Agora usa-se o *Craigslist*. E a culpa não é minha se aquelas coisas caríssimas da *Apple* são uma...

— Cuidado com a língua!

— Porcaria. Eu ia dizer *porcaria*, Sandi. — Ele bateu com as cartas na mesa e olhou para Ashley, com um sorriso forçado. — Parti um *iPhone* uma vez dentro do bolso, ao sentar-me. Uma engenhoca de 700 dólares, destruída pelo simples ato de me *sentar*. A coisa desfez-se como uma folha seca debaixo do meu...

— Tento na língua...

— Peso. Eu ia dizer *peso*. Estão a ver? Apesar do que a Sandi possa pensar de mim, eu sou perfeitamente capaz de concluir uma frase sem ter de recorrer a...

Foi interrompido por Ashley.

— Quatro de paus?

— *Foda-se!*

Sandi suspirou e fez explodir outra bolha no tablet.

— Cuidado, jovem! Aqui o Eddie costuma virar a mesa do jogo quando perde.

— Era um tabuleiro de xadrez — resmungou Ed. — E foi *uma vez*.

Ashley sorriu, pegando no seu novo quatro de paus.

— Sabes, Eddie, nunca vais conseguir arranjar um novo emprego se não controlares a linguagem.

Sandi tocou com a unha no ecrã e ouviu-se um apito cartoonesco de derrota: *puó-puó-puó*.

Ed esboçou um sorriso forçado. Ia a dizer alguma coisa, mas mudou de ideias.

O ambiente arrefeceu.

Darby cruzou os braços e assimilou as respostas — portanto, não havia nenhum carregador da *Apple* num raio de quilómetros. Calculava que o telemóvel ainda tivesse uma hora e meia de bateria, se não lhe tocasse. O Cara de Roedor não respondera, obviamente, à pergunta, e nem sequer abrira a boca. Continuava de pé, junto à porta, de mãos nos bolsos, a bloquear a saída, o queixo peludo para baixo, com o gorro vermelho e negro do *Deadpool* a esconder-lhe a metade superior do rosto.

Está a observar-me. Tal como eu o estou a observar a ele.

Precisava de agir com naturalidade. A melhor amiga de Darby tinha-lhe dito, um dia, que ela sofria de CCE — «cara de cabra enjoada» —, e, sim, era verdade que raramente sorria. Não porque fosse uma cabra, ou porque estivesse sequer infeliz. Sorrir deixava-a constrangida. Quando os músculos da cara dela se distendiam, aquela cicatriz comprida e curvilínea sobre a sobrançelha ficava à mostra, com a sua forma de foice esbranquiçada. Tinha-a desde os 10 anos. E odiava-a.

Crcht-prrrrr.

Ouviu-se um crepitar estridente, como se estivessem a rasgar um lençol, e Darby deu um pulo na cadeira. Era o rádio por trás da grade a voltar à vida. Toda a gente o fitou.

— Aquilo é...

— Sim. — Ed levantou-se. — A *freak* de emergência. Voltou.

Darby sabia que «*freak*» era a abreviatura de «frequência» no exército. O rádio soltou mais um pouco de estática, seguida de

um zunido agudo. Como se tivessem deixado cair um telefone debaixo de água.

Só reparou que o Cara de Roedor se havia aproximado quando ele se colocou imediatamente acima do seu ombro esquerdo, sempre a respirar pela boca, juntando-se ao grupo numa expectativa imóvel, enquanto o velho rádio *Sony* despejava a sua cacofonia elétrica de cima do balcão. Por trás do ruído de estática, ela reconheceu... Sim, aquilo era... um vaguíssimo sussurro...

— Uma voz — disse. — Está alguém a falar.

— Não consigo ouvir nada...

— Esperem. — Ed enfiou o braço entre a grade e rodou o botão do volume, libertando minúsculos fragmentos de pó. Parecia uma voz automática, entrecortada por pausas não humanas.

«... emitido al-rta temp-stade inv-rno Backb-ne Pass com f-rte nevão e pr-cip-tação extr-ma. Estr-da núm-ro sete f-chada ao tráf-go entr-saíd-qu-renta e n-ve e sess-nta e o-to até n-vo aviso...»

Ashley pestanejou.

— Em que quilómetro é que nós estamos?

Ed levantou um dedo, batendo com o braço na grade.

— Chiu.

«... equ-pas em-rgência e man-tenção pr-veem sign-ficat-vos atr-sos de seis a o-to horas dev-do a múlt-plas colisões e f-rte queda de neve. -conselham-se tod-s os cond-tores a ev-tarem as estradas e a p-rman-cerem em loca-s de abrigo até à m-lhoria das co-dições atmos-éricas.»

Uma longa pausa de estalidos, seguida de um apito ténue.

Toda a gente ficou à espera.

«O ser-iço naci-nal de me-eorologia avi-a que foi -mitido aler-a te-pestade i-verno B-ckbone Pass...»

A emissão voltou ao início, repetindo a informação, e toda a gente deixou descair os ombros ao mesmo tempo. Ed baixou o volume e bufou.

Silêncio.

Sandi foi a primeira a falar.

— Seis a oito *horas*?

As pernas de Darby quase lhe cederam por baixo do peso. Ela estivera meio de pé, debruçada para a frente, a ouvir, mas

agora deixou-se cair na cadeira, como uma boneca de trapos. O resto da sala registou a informação no meio de sussurros, que rodopiavam à volta dela, como o nevão lá fora.

— Poderá ser?

— Seis a oito malditas horas!

— A noite inteira, basicamente.

— É melhor pormo-nos confortáveis.

Sandi fez má cara e fechou a capa de couro do tablet.

— Era de esperar. Agora que eu estava no último nível do *Super Bubble Pop*.

A noite inteira. Darby baloiçou-se na cadeira barata, apertando os joelhos entre os dedos. Foi acometida por uma estranha sensação de alarme, uma espécie de horror dormente, como o que a mãe devia ter sentido quando descobriu aquele primeiro carço debaixo do braço. Sem pânico, sem hipótese de luta ou de fuga; somente aquela fração de segundo arrepiante em que a vida parece amargar para sempre.

Os limpa-neves vão levar a noite inteira a chegar...

O Cara de Roedor aclarou a garganta, soltando um escarro gelatinoso, e toda a gente olhou para ele. Mantinha-se de pé, atrás da cadeira de Darby, ainda a respirar-lhe ao pescoço. Dirigiu-se à sala inteira, de forma lenta e entaramelada:

— Eu sou o Lars. — Silêncio. — O meu... — Inspirou pela boca. — O meu nome... é Lars.

Ninguém lhe respondeu.

Darby ficou tensa, compreendendo que aquela era provavelmente a primeira vez que Ashley, Ed e Sandi também o ouviam falar. O constrangimento era tangível.

— Eh... — Ashley esboçou o seu sorriso fácil. — Obrigado, Lars.

— Sim... — Lars hesitou, de mãos enfiadas nos bolsos do casaco. — Já que vamos... hum... ficar aqui um bocado, é melhor apresentarmo-nos. Então, olá, o meu nome é Lars.

... E provavelmente sou eu que tenho uma criança trancada na carrinha lá fora.

O cérebro de Darby estava a mil, com os pensamentos desgobernados, os nervos a produzirem faísca, como se fossem verdadeiros fios elétricos.

E nós estamos aqui encurralados contigo.

Nesta área de repouso minúscula.

A noite inteira.

— Muito prazer — cumprimentou-o Ed. — O que é que tens a dizer sobre os produtos da *Apple*?

* * *

Após 20 minutos de conversa de circunstância estratégica, Darby havia já associado todos os veículos aos respetivos condutores.

O carro soterrado pela neve pertencia a Ashley, que fora o primeiro a chegar, pouco depois das 15 horas, encontrando a área de repouso vazia com o rádio a zumbir sozinho e o café já cediço. Não tinha pressa de atravessar as montanhas, pelo que resolveu jogar pelo seguro. Andava na universidade, como Darby — no Instituto de Tecnologia de Salt Lake City, ou lá o que era. Agora que tinham quebrado o gelo, ele revelou-se uma autêntica matraca com um sorriso de Gato de Cheshire, cheio de dentes muito brancos. Darby ficou a saber que ele planeava ir a Las Vegas com o tio para ver um espetáculo de ilusionismo qualquer. Soube que ele odiava cogumelos, mas adorava coentros. Santo Deus, não parava de falar!

— E Ashley é um nome masculino perfeitamente aceitável.

— A-hã — troçou Ed.

Os outros dois eram mais reservados, mas Darby sabia agora que a *F150* vermelha pertencia, na verdade, a Sandi — não a Ed, como ela supusera ao início. Também ficara surpreendida ao descobrir que eles não eram casados, afinal, apesar de embirrarem um com o outro como se fossem. Eram *primos*, e estavam de viagem com destino a Denver, para irem visitar a família no Natal. Uma combinação de última hora, ao que parecia. Ed tinha-se metido nuns sarilhos quaisquer recentemente, e não tinha carro nem (aparentemente) emprego certo. Teria estado na prisão? Talvez. Parecia ser uma espécie de homem encalhado: uma criança de 50 e poucos anos com um brinco na orelha e uma barbicha de motoqueiro, e Sandi parecia adorar tomar conta dele, quanto mais não fosse para ter uma desculpa para o odiar.

Assim, Darby eliminara três condutores e duas viaturas.

Sobrava Lars.

Ele não voltara a falar desde que lhes dissera o seu nome, e, portanto, Darby não podia ter grande noção de exatamente quando é que ele ali chegara, mas, a julgar pela neve, calculava que teria sido uns 30 minutos antes de Ed e Sandi. Observou Lars a encher um copo de esferovite de chocolate quente e a voltar à posição de sentinela, junto à porta, sorvendo ruidosamente como uma criança. Não o vira sentar-se um único instante.

Enquanto bebericava a sua própria droga de eleição, o café, Darby tentou esboçar um plano de ação. Havia, porém, demasiadas contingências. Não podia envolver Ed, nem Ashley, nem Sandi — ainda não —, porque perderia o controlo da situação. Envolver outras pessoas teria de ser o último recurso. Não podemos voltar a meter a cavilha numa granada. Naquele sítio, naquela altura, ela ainda podia contar com o elemento surpresa, e o pior que lhe podia acontecer era desperdiçá-lo.

Ainda assim, o subconsciente dela resolveu conjurar os piores cenários. Imaginou que contava a Ashley (o mais novo e o mais apto fisicamente) que suspeitava de que estavam a partilhar o oxigénio da sala com um abusador de crianças, e que este, compreensivelmente, empalidecia de súbito. Lars reparava, evidentemente, sacava de um revólver do casaco azul-claro e matava-os aos dois. Ed e Sandi seriam testemunhas, pelo que também eles morreriam logo a seguir. Quatro corpos baleados numa poça de sangue brilhante. Só porque Darby resolvera abrir a boca.

E, por outro lado, como seria se não houvesse nenhuma criança na carrinha de Lars?

E se tivesse sido apenas uma ilusão?

E se ela tivesse visto a mão de uma boneca de plástico? A pata de um cão? A luva vazia de uma criança? Não explicava as grades nem o cadeado, mas, ainda assim, podia ter sido apenas a sua imaginação atormentada, uma ilusão provocada pela luz e pelas sombras, e que, de qualquer maneira, só durara uns segundos. Sentiu a cabeça a andar à roda.

Tivera a certeza absoluta, meia hora antes, mas, subitamente, a convicção desaparecera. Era capaz de se lembrar de uma série

de cenários muitíssimo mais prováveis do que aquele. Quais eram as hipóteses de se deparar pessoalmente com um sequestro? Enquanto estava encurralada — com o raptor — numa área de repouso durante uma tempestade de neve? Era tudo demasiado fantástico para lhe poder acontecer a ela.

Tentou reconstituir mentalmente a cena. Passo a passo. A janela de trás da carrinha estava coberta de gelo. Estava tudo escuro lá dentro. E Darby? Ela estava um destroço — ansiosa, com poucas horas de sono, o sangue a bombar *Red Bull*, a ver clarões por detrás das próprias pálpebras quando as deixava fechar. E se tivesse sido apenas a sua imaginação fértil, e Lars não passasse de um viajante inocente como os outros? Se o atacasse, seria acusada de agressão.

Se eu me tiver enganado...

Engoliu o último trago de café, e, por alguma razão, os pensamentos saltaram-lhe para a irmã mais velha. Devon, de 23 anos, que fizera a primeira tatuagem na omoplata. Alguns caracteres chineses, grandes e elegantemente desenhados. A tradução era: «Força, em chinês.» Literalmente.

Que lição é que se tirava daqui? Confirmar tudo duas vezes.

Precisava de voltar lá fora à carrinha. Precisava de ver a criança. Ver *mesmo* a criança.

Não podia precipitar-se de qualquer maneira. Tinha imenso tempo pela frente; seis a oito horas, na verdade. Tempo mais do que suficiente para refletir. Precisava de ter a certeza antes de fazer fosse o que fosse.

Certo?

Certo.

Esfregou os braços, arrepiados, e varreu a sala com os olhos. O Peixinho tinha acabado — Ashley estava agora a tentar vencer Ed a experimentar um novo jogo chamado Guerra. Sandi tirara um livro de bolso amarelo da mala e erguera-o à frente da cara, à laia de barreira defensiva. E Lars, a estrela do pesadelo daquele dia, continuava de guarda à porta, a beber do seu copo de esferovite de chocolate quente. Ela contara-os: era o terceiro copo. Dali a pouco, teria de ir à casa de banho.

Nessa altura, decidiu ela. Seria aí que aproveitaria para se esgueirar até lá fora. Da primeira vez, tinha tropeçado na cena,

desprevenida e assustada. Porém, agora estaria mentalmente preparada.

Ashley baralhou as cartas, depois de desistir de convencer Ed, e acenou com o queixo para o livro de Sandi.

— O que está a ler?

— Um policial — resmungou ela.

— Ah, eu gosto de policiais. — Ele hesitou. — Enfim, para ser sincero, não leio lá muito. Acho que gosto apenas da *noção* de policial.

Sandi forçou um sorriso educado, virando uma página. *Então porque é que perguntaste?*

Darby já estava há praticamente duas horas na área de repouso de Wanapa e começava a ficar farta de Ashley. Falava pelos cotovelos, aquele. E continuou, como um boneco de corda, a matraquear agora os ouvidos de Sandi.

— Em que parte... quantos capítulos é que já leu?

— Não muitos.

— A vítima já foi assassinada?

— Sim.

— Gosto de coisas escabrosas. Teve muito sangue?

Ed remexeu-se na cadeira, constrangido, fazendo-a ranger. Observou a prima, que estava a virar outra página e ainda não tinha sequer respondido àquela pergunta de Ashley quando ele disparou outra:

— Já adivinhou quem é o assassino?

— Ainda não — disse ela rispidamente. — A ideia é perceber só no fim.

— É sempre o tipo mais simpático — comentou Ashley. — Enfim, já disse que não sou de ler muito, mas vi montes de filmes, o que é melhor ainda. Quem quer que pareça a personagem mais simpática ao início acaba sempre por ser o sacana no fim.

Sandi resolveu ignorá-lo.

Para de falar, por favor, pensou Darby. Cala-te de uma vez!

— Ali a pick-up — insistiu ele, olhando pela janela. — É sua, não é?

— A-hã.

— Lembra-me uma piada. O que é que significa *Ford*?

— Não sei.

— *Found on road, dead.*¹

Sandi soltou um grunhido e continuou a ler.

Ashley percebeu finalmente a indireta.

— Desculpe. É melhor deixá-la ler em paz.

Lars observava esta interação junto à porta. Lambeu os lábios, e os seus dentes pequeninos chamaram a atenção de Darby. Eram apenas duas fileiras de dentes que pareciam de leite, incrustados nas gengivas com alguns milímetros de intervalo. Engoliu o resto do chocolate quente e atirou o copo de esferovite vazio para o caixote do lixo, falhando por um metro.

Ninguém fez qualquer comentário.

Nem sequer Ashley.

Darby ficou a ver o copo branco rodopiar nos ladrilhos e pensou que, se se confirmassem as suas suspeitas, talvez pudesse arrombar a carrinha de Lars e transferir discretamente a criança para o seu *Honda*. Escondê-la no banco de trás, se calhar, por baixo do monte de papel vegetal que usava para fazer os decalques. Ou, melhor ainda, na bagageira — se tivesse oxigénio e calor suficientes. Quando os limpa-neves chegassem no dia seguinte de manhã, toda a gente seguiria o seu caminho, e talvez Lars partisse até sem sequer reparar que a presa lhe havia escapado...

Não. Aquilo não passava de uma esperança vã. Uma vez que ficariam ali presos a noite inteira, Lars teria de ir ligar o motor periodicamente para manter a criança quente. Não deixaria de reparar que o prisioneiro desaparecera.

Ela inspirou fundo, nervosa. Contou até cinco, antes de soltar o ar novamente, tal como a mãe lhe ensinara.

Por enquanto, ainda estou em vantagem.

Não a posso desperdiçar.

Desejava que tivesse sido outra pessoa qualquer a deparar com aquela situação. Alguém mais esperto, mais corajoso, mais perseverante, mais capaz. Alguém que pertencesse ao programa do corpo de oficiais da universidade, uma daquelas raparigas de

¹ «Encontrado na estrada, morto». [N. do T.]

camuflado transpiradas que carregavam grandes mochilas pesadas de um lado para o outro do *campus*. Alguém que soubesse *ju-jitsu*. Raios, fosse quem fosse!

Mas fora ela.

A pobre Darby Thorne, a miúda esquisita que se escondia das festas da residência dentro do seu quarto forrado a papel vegetal com os decalques a lápis de cera que tirava das campas de desconhecidos, como uma espécie de vampira espiritual.

À medida que a tempestade se intensificava lá fora, ligou o *iPhone* e apressou-se a escrever outra mensagem. Era apenas um rascunho. Uma salvaguarda, para o caso de acontecer o impensável, mas que lhe levou as lágrimas aos olhos à mesma.

«Mãe, se encontrares esta mensagem no meu telemóvel, é porque me aconteceu alguma coisa. Fiquei presa durante a noite por causa da neve numa área de repouso, de onde estou a escrever isto, e uma das pessoas aqui pode ser perigosa. Espero que seja só paranoia minha. Mas se não for... queria que soubesses que te peço imensa desculpa por tudo. Por todas as coisas horríveis que disse ou que fiz. Desculpa o telefonema do Dia de Ação de Graças. Não merecias nada daquilo. Adoro-te tanto, mãe. E lamento muito.

Com amor, da tua filha.»

* * *

Cerca de 15 minutos depois, Lars foi à casa de banho.

Passou pela cadeira de Darby, e ela reparou numa coisa estranha. Ele havia tirado as luvas pretas de esqui, revelando a pele pálida das costas da mão esquerda. Estava salpicada de pequenos inchaços, como se fossem picadas de mosquito. Ou talvez tecido cicatrizado, se bem que não lhe ocorria nenhum instrumento que pudesse fazer feridas daquelas, a não ser um ralador de queijo.

Lars continuou em frente e desapareceu nos sanitários dos homens. A porta fechou-se lentamente, demorando uma eternidade até ficar trancada.

Agora.

Darby arrastou a cadeira para trás e levantou-se, de joelhos trémulos. Ed e Ashley ergueram o olhar para ela. Era a oportunidade que ela queria, uma aberta de 30 segundos para se esgueirar lá para fora e confirmar o impensável. Dirigiu-se para a porta da frente com o telemóvel na mão, a suster o fôlego, mas surpreendeu-se a si própria a caminho. Fez um desvio sem lógica nenhuma.

Abeirou-se da segunda cafeteira, a de chocolate quente, e encheu o seu copo de esferovite. Nem sequer gostava de chocolate quente.

Mas as crianças gostam. Certo?

Ouviu a autoclismo do urinol. Lars vinha aí.

Sorveu um gole quente enquanto atravessava a sala à pressa até à saída e puxou a porta, plenamente consciente de que estava a ser observada por Ashley.

— Ei, Darbs, onde é que vais?

Darbs. Já não lhe chamavam aquilo desde o quinto ano.

— Vou ver outra vez se apanho rede. A minha mãe tem cancro no pâncreas e está internada num hospital em Provo. — Saiu para a tempestade sem dar oportunidade de resposta a Ashley, encolhendo-se perante a massa de ar gelado, e lembrou-se de uma frase que ouvira a mãe dizer um dia: «As melhores mentiras são aquelas que são verdadeiras.»

Um thriller vertiginoso, repleto de reviravoltas inesperadas e com um final surpreendente.

UMA FORTE TEMPESTADE DE NEVE.

Darby Thorne é uma estudante universitária que se encontra a viajar de carro no meio das Montanhas Rochosas, desesperada para ir ter com a mãe ao hospital. Quando é atingida por um forte nevão, Darby é obrigada a permanecer numa área de repouso junto à estrada.

QUATRO ESTRANHOS E UMA CRIANÇA RAPTADA.

Darby percebe que terá de pernoitar ali, juntamente com quatro estranhos. Até que descobre uma menina numa jaula dentro de um dos carros estacionados em frente à área de repouso. Quem é aquela criança? Porque se encontra presa? E qual dos quatro estranhos será o raptor?

SEM SABER EM QUEM CONFIAR, O QUE FAZER?

Não há rede de telemóvel, as linhas telefónicas não funcionam e não há por onde fugir, pois as estradas encontram-se cortadas devido à tempestade de neve. Em quem poderá Darby confiar e como irá ela salvar a criança?

«Um dos thrillers mais tensos
e envolventes que alguma vez lerá.»

Fantastic Fiction

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8869-70-8  9 789898 869708 Thriller</p>
--	--